O DEMOCRATA

(AVENÇADO)

Semanário Republicano de Aveiro

ANO 36.º Sábado, 27 de Novembro de 1943 **N.º 1812**

VISADO PELA CENSURA

Redacção e Administração
Rua Miguel Bombarda, 21
Comp. e imp.—IMPRENSA UNIVERSAL
R. Combatentes da G. Guerra — AVEIRO

Director e Proprietário
Arnaldo Ribeiro

Editor e Administrador
Manuel Alves Ribeiro
Correspondência dirigida ao Director
Publicidade Lisboa e Pôrto *Agência Havas*

Carta de Lisboa

A morte do Eng. Duarte Pacheco

Constituiu uma grande manifestação de pesar, o funeral do malogrado homem de Estado que foi o eng. Duarte Pacheco. Lisboa em pêso, representada quer pelas suas mais ilustres e eminentes figuras, como pelo povo humilde e anónimo, acompanhou Duarte Pacheco à sua última morada.

Entende-se, de resto, que assim tenha acontecido.

A nossa primeira cidade é, das terras portuguesas, uma das que maior número de benefícios ficam devendo à acção do grande e dinâmico realizador.

Problemas que durante décadas e décadas, alguns até seculos, clamaram baldadamente solução, resolveu-os o eng. Duarte Pacheco de maneira criteriosa e inteligente. Está nêstes casos o problema do abastecimento das águas à cidade, que se arrastava desde o tempo de D. João V, desde a construção do aqueduto. E como o problema das águas, o problema do gazómetro junto da Torre de Belem, velho cavalo de batalha que deu para tudo: para longos artigos de jornais, como para inflamados discursos no Parlamento. E com êstes, o problema do plano de urbanização da cidade, que só o infeliz ministro das Obras Públicas conseguiu realizar completamente. Em matéria de defesa do património citadino, além da libertação da Torre de Belem há que não esquecer que foi o eng. Duarte Pacheco que reconstruiu o castelo de S. Jorge, como conseguiu também levar a bom têrmo as seculares obras da Sé de Lisboa. E é o Parque Florestal de Monsanto, e é o aformoseamento dos jardins da capital, a construção do Instituto Superior Técnico, o avanço nas obras do pôrto de Lisboa, a construção dos edifícios da Casa da Moeda, do Instituto Nacional de Estatística, do Stadium, enfim: um nunca acabar de obras que tornaram a nossa capital uma cidade progressiva e europeia.

Lisboa deve ao eng. Duarte Pacheco benefícios e melhoramentos como nunca deveu a ninguém. Mas, na hora derradeira, na hora extrema, naquela em que a nossa cidade já não esperou dêle favores, Lisboa soube pagar-lhe na homenagem sentidíssima, no preito de gratidão magnífico em que soube transformar o seu funeral, que atravessou as ruas da cidade imperial entre as alas duma população recolhida e enternecidamente comovida.

Para aquêles que o conheceram, o eng. Duarte Pacheco deixa uma saüdade infinda; para Lisboa, para o coração dos lisboetas, um lugar que dificilmente, custosamente, será preenchido.

1.º Congresso das Ciências Agrárias

Tudo se prepara para que o 1.º Congresso das Ciências Agrárias, que se realiza definitivamente de 12 a 19 do próximo mês de Dezembro, se revista da maior e mais oportuna importância.

Na hora em que, mercê das circunstâncias criadas pela guerra tanto e tanto precisamos que a nossa agricultura, realizando um esfôrço extraordinário, dê ao país aquilo de que o país necessita, o Congresso das Ciências Agrárias vem no momento próprio, tem na presente ocasião a maior e mais alta importância.

CORDEIRO GOMES

O DEMOCRATA vende-se no Quiosque da Praça Marquês de Pombal—Aveiro.

Os ovos

Desapareceram do mercado para naturalmente ingressarem no *comércio negro*, o que tem dado lugar a reparos, aliás justíssimos.

Apelamos hoje para o sr. capitão Firmino da Silva, delegado da Intendência Geral dos Abastecimentos, visto os açambarcadores estarem a pedir que os metam na... cosinha...

Assembleia Nacional

Recomeçaram ante-ontem os trabalhos da terceira legislatura, iniciando-se assim o segundo ciclo.

Foi prestada homenagem ao sr. Ministro das Obras Públicas, vítima do desastre que lhe aniquilou a vida, tendo o presidente proferido algumas palavras de saüdade, às quais se associou tôda a Câmara e o Govêrno.

Aves madrugadoras

Sempre tínhamos ouvido dizer que a cotovia era, de todos os pássaros, a ave mais madrugadora. Mas ao que parece não é verdade, segundo afirma um *estrangeiro*, que procurou inteirar-se e concluiu assim: o verdilhão é de tôdas as aves aquela que acorda mais cêdo, pondo-se a chilrear aí por volta da uma hora e meia; às duas e meia a toutinegra começa a passear pelas ramarias e meia hora depois acorda a codorniz. A's 4 começa a ouvir-se o melro e a seguir o pintarroxo e a carriça, sendo o pardal dos últimos, visto só dar acôrdo de si quando o sol desponta.

E nós a supormos que era dos primeiros a abrir os olhos e — o bico...

Homenagem à "Aurora do Lima,,

Lê-se no último número do nosso colega de Viana do Castelo, *Notícias de Viana*, saído no dia 20 do corrente, faz hoje oito dias:

No gabinete do sr. presidente da Câmara e nosso querido director, reüniram-se, hoje, às 18 horas, os representantes dos jornais diários de Lisboa, Porto e Braga, para tomarem conhecimento das deligências já feitas, em vista à homenagem que se vai prestar à *Aurora do Lima* e ao seu velho director, sr. Bernardo Silva, no dia do seu aniversário.

O nosso colega Severino Costa expôs tudo quanto já se fez, e deu conta das ofertas e adesões recebidas, entre as quais avulta a valiosa e significativa adesão da Câmara vianense que, aproveitando o ensejo para dar realização a uma sugestão feita em tempos pelo brilhante jornalista Artur Maciel, mandará colocar na casa histórica da velha *Aurora*, na Rua do Vilarinho, uma lápide comemorativa; e da oferta, também, valiosa, do *Grupo Dramático "Campos Monteiro"* que se prontificou a dar uma récita de gala em honra do homenageado.

Ficou constituida a comissão de homenagens, composta pelos srs. dr. João da Rocha Páris, pelo *Notícias de Viana*; Júlio de Lemos, Tomaz Simões Viana, P.e Daniel Machado, Severino Costa, José Rocha e Vasconcelos, Filipe Fernandes, Miguel Lemos e José Camilo Pastor, pelos jornais que representam.

Ficou combinado o plano de acção da comissão e o programa da homenagem, de que brevemente daremos notícia.

A Aurora do Lima faz anos a 15 de Dezembro visto o primeiro número ter saído com essa data em 1855. E' dos mais antigos jornais do país e por assim ser e também devido à muita amizade que nos liga a Bernardo Silva, desde já prometemos incorporar-nos no cortejo dos vianenses em honra das duas venerandas relíquias daquela terra.

Conte, pois, connosco a Comissão.

"O Olho de Vidro,, romance de Camilo

pelo dr. Alberto Souto

Em 1924 a Parçaria António Maria Pereira, de Lisboa, lançou no mercado em edição popular da sua série camiliana, o volume XXIII, com o romance da epígrafe. Foi a 5.ª edição do *Olho de Vidro*. A primeira saíra, também em Lisboa, da Livraria de Campos Júnior, no ano de 1866.

A propósito da edição de 1924, o sr. dr. Alfredo Pimenta dedicou a alguns dos problemas históricos do romance um dos seus artigos da *Cultura Estrangeira, Cultura Portuguesa*, no *Diário de Notícias*.

«*O ter encontrado no meu caminho o* Portugal Médico, *de Braz Luiz de Abreu, autor duma maravilhosa* Vida de Santo António, *conduziu-me a reparar na vida misteriosa do autor, e, conseqüentemente, a reler o romance que Camilo, instigado por certos dizeres de Inocencio, compoz sôbre ela*»—explicou o sr. dr. Alfredo Pimenta.

No entender do erúdito escritor e crítico, os romances históricos têm dois inconvenientes: reprimem os vôos da Fantasia, tão necessária ao Romance, e atropelam a objectividade dos factos, tão necessária à História.

Camilo, romancista tão de boa fonte, que o foi na vida como na Arte, cultivou incidentalmente o romance histórico, diz o sr. dr. Alfredo Pimenta que julga ter havido com o facto, prejuízo da História.

E a seguir, o sr. dr. Alfredo Pimenta ocupa-se da historicidade de duas personagens curiosas do romance: Braz Luiz de Abreu e Heitor Dias da Paz. Para o seu estudo consultou na *Tôrre do Tombo* dois processos: o de habilitação para Familiar do Santo Ofício, de Braz Luiz de Abreu e aquêle em que Heitor Dias da Paz foi condenado à fogueira—para redenção da alma pelo assamento do corpo.

O sr. dr. Alfredo Pimenta conclui que o Braz Luiz de Abreu do *Olho de Vidro* não tem nada que vêr com o verdadeiro Braz Luiz de Abreu no que diz respeito à sua progenitura e geneologia.

Quanto ao desgraçado estudante de medicina queimado vivo por não querer a misericórdia da mêsa inquisitorial, mas só a de Deus de Abrahão, Isac e Jacob e por protestar só crêr, viver e morrer na lei de Moi-sés e pretender dar a vida por Deus, achou o sr. dr. Alfredo Pimenta alguns êrros de data e lugar. Um dêsses êrros é o condenado ser de Lisboa e não de Vila Flôr e ter sido queimado no Rossio e não na Ribeira. Pelas averiguações do sr. dr. Alfredo Pimenta, como pelas de Marques Gomes, verifica-se o que eu disse no primeiro artigo—que a verdade dos sucessos, na mão de Ca-

Ílhavo por dentro...

Chegou na semana passada à próxima vila a notícia de que havia sido lavrado Acordão, por meritíssimos juízes de Lisboa, no Relatório que lhes fôra apresentado pelo Inspector que ali permaneceu alguns meses a fazer exame minucioso à administração municipal da presidência do sr. Diniz Gomes e que termina por ilibar de culpa e de deshonestidade o ilhavense que mais concorreu para o engrandecimento da terra que lhe serviu de berço e pela qual muito trabalhou desinteressadamente—acentue-se—durante um quarto de seculo.

Congratulando-nos com a justiça que as instâncias competentes acabam de fazer, juntamo-nos aos admiradores e amigos de Diniz Gomes para, na sua companhia, lhe afirmarmos que a maldade só triunfa quando as vítimas se agacham perante a audácia dos marôtos.

Mas isso não acontece sempre.

O TEMPO

Houve esta semana de tudo: dias de sol, dias de chuva e dias de frio, ou sejam dias para todos os paladares.

E ninguém reclamou, que saibamos...

Além túmulo

Dr. Lúcio Vidal

Passa depois de àmanhã o primeiro aniversário da morte do nosso querido e inolvidável amigo dr. António Lúcio Vidal. Faz, portanto, um ano na segunda-feira que êle, transpondo os ombrais da Eternidade, deixou o mundo para nunca mais ser visto pelo elevado número de admiradores que possuia e tanto lhe

apreciavam o carácter, os sentimentos, a honradez, a lealdade, tôdas as virtudes, emfim, que o tornaram digno perante a sociedade, e também da estima pública e da família.

O director dêste jornal que, como se sabe, cumpriu na cadeia de Vagos dois meses de prisão a que fôra condenado por delito de imprensa, não faltará com algumas violetas a prestar homenagem ao dr. Lúcio Vidal no dia atrás indicado. E' que ainda não lhe esqueceu—nem jámais esquecerá—a assistência que lhe fez durante êsse tempo e o muito que concorreu para atenuar os efeitos da clausura na sede do concelho onde nascera e marcou lugar de distinção pelo seu talento e prestígio.

Até segunda feira, Lúcio.

Exportação de sal

— o —

Devido à falta de material circulante da C. P. e do V. V. os negociantes do nosso sal vêem-se embaraçados para atenderem os pedidos que lhes são feitos nesta época da salga das carnes e curtimento da azeitona, o que de certa maneira prejudica a economia local.

Não poderão as Companhias dar um geitinho de modo a serem atendidas, na medida do possível, as justas reclamações dos interessados?

Data histórica

Passando na próxima quarta-feira mais um aniversário sôbre a nossa independência, é feriado nas repartições públicas, sendo obrigatório o encerramento dos estabelecimentos comerciais e industriais.

Que não esqueça.

Vida militar

A última *Ordem do Exército* insere a promoção a tenente-coronel do nosso amigo e conterrâneo Amílcar Mourão Gamelas, que com tanto aprumo comandou o contingente de Infantaria 10, há pouco chegado dos Açores.

Ao brioso oficial, agora colocado como chefe interino do D. R. M. n.º 10, as nossas felicitações.

Rua Coimbra

O pavimento desta artéria central da cidade acha-se agora melhorado por ter sido substituido por paralelos de granito.

De vagar se vai ao longe — é ditado antigo.

O lançamento à água do "Marianela,,

É àmanhã, como anunciámos, que se realiza nos estaleiros da Gafanha, pelas 16 horas, na praiamar da maré viva, o lançamento à água do cargueiro-motor *Marianela*, mandado construir ao habilíssimo mestre Manuel Maria Mónica, pela Emprêsa Continental de Navegação, desta cidade.

O *Marianela*, de linhas modernas e elegantes, é o maior navio de madeira que até hoje se tem construido em Portugal nos últimos tempos e o único da praça de Aveiro que se destina exclusivamente ao transporte e comércio. Desloca 1.600 toneladas, levando cêrca de 1.000 toneladas de carga útil. Não tem velas, pois é simplesmente impulsionado por um potente motor a gazoil de 600 H. P. da fabricação suissa Zulzer, do melhor do mundo no género e construido propositadamente. Só êste motor custou perto de 1.500 contos. O navio dispõe mais de dois grupos electrogenios independentes com motores próprios a gazoil, pois tôdas as suas máquinas de bordo são movidas a electricidade. Será dotado de luz eléctrica em todos os compartimentos e de instalações de emissão de T. S. F. Tem quatro baleeiras salva-vidas; canalização de água potável e de bocas de incêndio; extinctores químicos de fôgo; casas de banho com autoclismos e chuveiros, salão e beliches à proa; salão, camarotes e secretaria à ré; torre de navegação e radiotelegrafia, etc., etc.

O *Marianela*, é a primeira unidade da E. C. de N. fundada em 1941 pelo nosso saudoso amigo e grande aveirense António Henriques Máximo Júnior.

Mestre Manuel Maria Mónica tem nesta obra um dos seus grandes títulos de glória, compartilhada já por seu filho Arménio, que foi um activo cooperador na construção da magnífica unidade naval que àmanhã—se tudo correr bem, como desejamos—vai entrar nas águas da ria, para depois seguir ao seu destino através dos mares.

A mestre Manuel Maria Mónica serão entregues àmanhã, depois do bota-abaixo, as insígnias da comenda da Ordem de Cristo com que há tempos e sem êle o saber foi agraciado.

O Democrata associa-se à justa consagração do nosso conterrâneo.

Club Mário Duarte

A Direcção dêste Club mandou ultimamente fazer notáveis melhoramentos nos salões da sua sede, e para os inaugurar promove, na noite de 4 de Dezembro, um baile abrilhantado por uma boa orquestra.

Como de costume, deve comparecer a esta festa elegante a nossa melhor sociedade.

* * *

Solicitam-nos a publicação do seguinte:

Para a boa organização do serviço, a Direcção pede a fineza, aos sócios e convidados, de apresentarem os seus cartões à entrada para o baile; e solicita também, no interêsse do Club que os sócios não se façam acompanhar de pessoas estranhas às suas famílias, a menos que estas tenham convite.

milo, representava o bloco de mármore nas mãos do estatuário, mas não era a escultura acabada, expressiva e pronta; era o fio da teia urdida pela imaginação do romancista, mas não era nem a serguilha, nem o brocado das suas composições.

Não podêmos, pois, pedir ao romance do *Olho de Vidro* ou a qualquer outro do género, veracidade, verdade histórica, a verdade inteira e íntegra. Porém, o que se lhe exige e êle nos garante é a verosimilhança, é a possibilidade do enrêdo; é a naturalidade das figuras e das situações; é a concordância da invenção com autênticas realidades.

No *Olho de Vidro* nós sabemos que o pano de fundo em frente do qual decorrem as cenas, é verdadeiro e que, embora muitas figuras, muitos factos e muitos lances sejam mera fantasia do romancista, havia muitas cenas daquelas no Portugal de então.

O romance nem por isso perde interesse ou diminue de valor.

* * *

Romance de Aveiro, lhe chamei, por decorrerem nesta antiga vila e nos seus graciosos arrabaldes os passos finais de alguns dos protagonistas.

Mas o que o *Olho de Vidro* é, acima de tudo, é um formidando libelo contra a intolerância religiosa diabòlicamente incarnada, para mal da Igreja, na Santa Inquisição. Que acêrvo de perseguições e de maldades, de ferocidades e hipocrisias ali se desfiam! Que dolorosas figuras de mártires desfilam pelas páginas do romance, arrancando-nos simultâneamente lágrimas de compaixão e protestos de indignação! E que castigo de ironias aplica o romancista à hipocrisia, ao fanatismo, à intolerância, à maldade e à barbaridade dessa sociedade de feras e de beatos falsos que foi a do seculo XVIII, seculo que começa com as indignidades do reinado de um D. Pedro II que rouba ao irmão tarado a mulher e o trôno e que acaba com o grande e cruel Marquez de Pombal que *se senta no trôno enquanto o rei se senta ao tôrno*; seculo que se alumia das fogueiras judiciárias dos autos de fé e declina atirando ao mar as cinzas da monstruosa carnificina do não menos judiciário cadafalso de Belem!

Nunca faltaram tribunais nem juizes, nem algozes, nem doutrinas, nem leis, para os dominadores dos povos ou para a bruteza dêstes perpetrarem tôdas as iniquidades.

Que juizes, que inquisidores, que esbirros, que tribunais, que fidalgos, que prégadores, que plebe, que costumes, que idéas, que sentimentos, que leis, que religião perpassam a nossos olhos nêste formidável, emocionante e complicado romance!

Camilo escalpeliza nêle essa farândula, confunde os carrascos e arranca-nos lágrimas de piedade pelas vítimas das crueldades infligidas aos pobres descendentes dos israelitas pelo único crime de crêrem no seu Deus e professarem a sua fé.

No *Olho de Vidro*, a par de muitos quadros que nos emocionam pelo seu sentimentalismo, há o realismo dos horrores, horrores verdadeiros, sofridos pelos mártires da fé em que fôra educado o povo de Israel, (que a Biblia—livro sagrado!—nos diz ter sido o povo eleito de Deus) e há o realismo dos nossos costumes depravados pela hipocrisia e pelo fanatismo dos degenerados do Evangelho que, em nome de Cristo, tão justo e tão bom, faziam de Portugal um açougue de almas e de corpos, nas masmorras, nos autos de fé, nos cadafalsos e nas fogueiras.

Mal hajam o fanatismo e a intolerância, a opressão, o exclusivismo e o absolutismo de tôdas as idéas, de tôdas as políticas, de todos os poderes humanos, de tôdas as religiões falseadas, de tôdas as teorias racicas, de tôdas as razões de estado! O *Olho de Vidro* é um libelo contra êsse fanatismo e contra essa intolerância e é um brado pungente do coração de Camilo, impregnado daquêle grande humanitarismo que será a eterna glória da sua obra e da obra do luminoso seculo XIX.

O momento que passa na Europa, é bem azado para se lerem, relerem e meditarem as páginas dêste romance que, tocando-nos pela porta, deve ter um lugar em tôdas as estantes, em todos os lares e em todos os espíritos desta terra que foi honrada por Camilo com a sua referência e que tão digna se tornou, em sua humildade, pela adopção dos princípios de tolerância, humanitarismo e liberdade do seculo em que Camilo escreveu!

Capitania do pôrto

Para efeitos de promoção, deixou de exercer as funções de capitão do pôrto de Aveiro, que tanto prestigiou durante os cinco anos que desempenhou aquela comissão de serviço, o sr. capitão-tenente Mário Ferreira da Costa, que nesta cidade conta inúmeras simpatias, devido à magnanimidade do seu coração, à afabilidade do seu trato e à nobreza dos seus sentimentos.

A Casa dos Pescadores, que tantos benefícios tem prestado aos que vivem da ria e do mar, muito lhe deve, pois a sorte dêsses humildes trabalhadores mereceram sempre do distinto oficial de Marinha todo o carinho e protecção, motivo por que dificilmente será esquecida a sua passagem pelo lugar onde estivera colocado.

O sr. comandante Mário Costa, que na segunda-feira partiu para a capital, teve a gentileza de vir ao *Democrata* despedir-se, deferência que penhoradamente agradecemos.

* * *

A vaga em aberto foi preenchida pelo sr. capitão-tenente Duarte de Almeida Carvalho, que já se encontrava nesta cidade a exercer as funções de adjunto.

Os nossos cumprimentos.

Crónica alfacinha

O jornal

O jornal é o nosso maior amigo. Êle traz-nos as notícias e novidades que desejamos; transporta-nos a paragens distantes, mostra-nos paìsagens novas, aponta-nos obras de arte, ensina-nos literatura ou ciência, história ou filosofia.

Pode um periódico parecer-nos insignificante ou aborrecido; contudo, se o analizarmos bem, encontraremos, por certo, algo de proveitoso. Se não instrue distrai, pelo menos.

Mas o jornal é, na maior parte das vezes, olhado como coisa sem valor. Muitos compram-no por hábito, outros pela vaidade de se dizer que o possuem, sem que seja lido e estudado. A maior parte das vezes olham-se os títulos das notícias e põe-se de lado, sem que nada se aproveite.

E' necessário saber-se ler o jornal; mais do que isso—dispensarmos-lhe o carinho que merece.

Se os leitores pensassem nos encargos de quem o dirige, nas contrariedades que a tôda a hora se deparam, no esfôrço extenuante dos que nêle trabalham!...

Na Redacção há: o director, o chefe da redacção, o secretário, o editor, os redactores, os reporteres, revisores etc.

Na Administração: o administrador, chefe de escritório, empregados de escritório, continuos, cobradores e distribuidores.

Na oficina: Compositores manuais, linotipistas, impressores (marginadores, paginadores) esteriotipiadores, fotogravadores, etc., etc.

Cada um procura trabalhar o melhor possível.

O colaborador dá o máximo do esfôrço, dentro dos seus limites; procura fazer coisa que desperte interesse, embora o não consiga; e se não é um profissional de imprensa que viva única e exclusivamente das letras, terá de roubar uns minutos aos seus afazeres para não faltar com a costumada colaboração.

De resto, é dever de todo aquêle que trabalha, produzir o máximo em quantidade e qualidade.

Portanto, os que tem um jornal, devem tirar dêle o maior proveito. Como? Estudando-o. Só assim se educa o espírito, se adquire alguma cultura e se pode andar a par do que se passa no mundo.

E como se estuda?

Lendo-o com atenção, procurando artigos que versem assuntos literários ou científicos, procurando rete-los e até fazendo para nós a crítica do assunto e discutindo-o com alguem de competência

Se todos assim fizessem o jornal, pequeno ou grande, rico ou modesto, teria muito mais valor e haveria menos ignorantes.

Lisboa, 23/11/943

MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Falta de espaço

Ainda por êste motivo fica retida alguma composição para o próximo número.

ARTE

Trabalha actualmente numa colecção de quadros a óleo com assuntos locais, que tenciona expôr no *Club dos Galitos* de 4 a 12 do mês próximo, o nosso conterrâneo Chico Maia, que não obstante ser um novato nesse género de pintura, deve marcar, pela habilidade demonstrada em alguns que tivemos ocasião de ver.

Pelo menos disso estamos convencidos em presença dos conhecimentos artísticos postos à prova nas suas demonstrações.

Notas Mundanas

Aniversários

Fez ante-ontem anos a menina Lília Martins Sequeira, interessante filha do sr. António Martins da Silva; hoje fá-los o sr. Carlos de Pinho Guedes Pinho, consul do nosso país em Bilbau (Espanha); àmanhã, a sr.ª D. Maria José Martins Mota Lima, esposa do sr. Luciano Marques Lima, residentes no Pôrto, e o sr. António dos Santos Neves, proprietário da Pastelaria Chic e também sua esposa; no dia 29, o menino Vitor de Azevedo, filho do nosso dedicado assinante sr. Manuel Seabra de Azevedo, importante industrial em Sá da Bandeira (Africa Ocidental); em 30, o sr. Acurcio Maia de Albuquerque, professor em Silveiro (Oiã), e o menino Alberto Arménio, filho do sr. alferes Alberto Exposto, residente em Algés; em 1 de Dezembro, as sr.as D. Maria Madalena Rebocho de Albuquerque Cristo, esposa do sr. dr. António Cristo, advogado na comarca, e D. Urbília Souto Ratola Amaral, professora oficial e esposa do sr. Fernando Amaral, 2.º sargento de Infantaria 10; em 2, a menina Maria Odete da Silva Martins, filha do sr. Armando Ferreira Martins e o estudante Amilcar de Lima Gouveia, aluno da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra e filho do sr. Manuel Gouveia, e o sr. Mapril Guerra Orfão; e em 4, a distinta pianista sr.ª D. Joana Tavares de Melo, filha do sr. Crisanto de Melo.

Casamentos

Na capela de S. Gonçalinho, realizou-se domingo, o enlace matrimonial da sr.ª D. Maria Rosa Branca da Cruz, interessante filha do falecido negociante sr. António da Cruz Bento Júnior e de sua viuva, com o nosso amigo dr. Manuel Amador da Cruz, veterinário da Câmara Municipal.

Ao acto assistiram apenas as famílias dos nubentes e pessoas da maior intimidade, tendo servido de padrinhos, por parte do noivo, seus pais, a sr.ª D. Maria Emília Amador da Cruz e o sr. Vicente Rodrigues da Cruz e pela noiva seus tios, o sr. Manuel Pereira Ramalheira, oficial da Marinha Mercante e esposa a sr.ª D. Carlota Ramalheira, residentes em Lisboa.

Na corbeille viam-se lindas e valiosas prendas e ao copo de água, servido em casa da mãi da noiva, assistiram nossos convidados.

Aos conjuges, que partiram em viagem de núpcias para a capital, desejamos um futuro perene de venturas.

—Em Fátima efectuou-se também o casamento do arquitecto sr. Artur Pires Martins, com a sr.ª D. Amélia Rangel de Quadros Correia Nóbrega e Sousa, gentilíssima filha da sr.ª D. Maria Bárbara Rangel de Quadros Nóbrega e Sousa, e de seu marido o nosso prezado amigo sr. Agostinho de Sousa, professor de Ensino Técnico na capital.

Foi celebrante o rev.º prior de Abiul, sr. Manuel da Silva Marcelino Júnior, que proferiu uma eloqüente alocução alusiva ao acto, tendo paraninfado, por parte da noiva, seus pais, e pelo noivo, sua mãi, a sr.ª D. Maria da Conceição Pires Martins e o seu padrinho do baptismo, sr. Manuel Maria, importante lavrador no Ribatejo.

No salão privativo do Restaurante Santiago, de Leiria, seguiu-se um almôço, findo o qual os noivos partiram para Tomar onde passaram a lua de mel.

A corbeille achava-se guarnecida de numerosas prendas com que foram distinguidos os nubentes, aos quais enviamos felicitações extensivas a seus pais.

Partidas e Chegadas

Chegou de Luanda (Africa Ocidental), onde esteve alguns anos, o sr. tenente Luiz Paula Santos, que fez boa viagem.

Apresentamos-lhe cumprimentos de boas-vindas.

—Estiveram nesta cidade os srs. Joaquim Carreira e filha e Abílio Gonçalves de Meneses e esposa, todos residentes no Pôrto.

Doentes

A-fim-de convalescer da enfermidade que a reteve alguns meses no leito, partiu na quarta-feira para o Caramulo, aonde passará o Inverno, a gentil Maria de Lourdes Cristo, dilecta filha do escrivão de Direito Julio Cristo. Acompanharam-na os pais e o seu médico assistente, sr. dr. António Peixinho.

Que regresse completamente restabelecida são os votos que aqui deixamos expressos.

—Já recolheu a casa, conservando-se, porém, ainda na cama, o sr. dr. Joaquim Henriques, que, como noticiámos, fôra operado, de urgência, no Hospital, pelo sr. dr. Nogueira de Lemos, seu médico assistente, coadjuvado pelo sr. dr. António Brêda, que havia sido convidado para uma conferência.

Estimamos o seu breve restabelecimento.

A' MARGEM DA GUERRA

CONTRA OS SUBMARINOS INIMIGOS, OS INGLESES TÊM OS BOMBARDEIROS LIBERATORS. NA GRAVURA UM LIBERATOR APROXIMA-SE DE UM BARCO PETROLEIRO BRITANICO, NUM DIA FAISCANTE DE SOL.

Secção Desportiva

Foot-ball

Beira-Mar, 2—A. D. Ovarense, 2

Conseguiu um empate de duas bolas, domingo, em Ovar, o *team* aveirense que ali se defrontou com o grupo da terra.

É caso para atirar foguetes...

Secção feminina

DIRIGIDA POR MARIA DA CONCEIÇÃO NOBRE

Culinária — Jantar

Sopa de camarão—Salmonetes assados no forno—Puré de batata com croquetes à portuguesa—Almondegas de carne—Salada de fruta—Madalenas.

Sopa de camarão

Cozem-se e descascam-se 500 gramas de camarões. Metade pisa-se num almofariz e passam-se pela peneira. Numa caçarola põe-se uma colher de manteiga, cebola picada, cenoura às rodas e salsa e deixa-se refogar. Junta-se um decilitro de vinho branco e um pouco do próprio caldo onde se cozeram os camarões; ferve algum tempo. Deita-se o puré do camarão, um decilitro de nata frêsca ou de leite, duas gemas de ovos bem batidas, uma pitada de pimenta e um pouco de sal. Com os camarões inteiros guarnece-se a terrina.

Salmonetes assados

Preparam-se três salmonetes e colocam-se numa assadeira, sobre rodas de cebola e temperam-se com sal, pimenta e sumo de limão.

Junta-se o azeite necessário e um pouco de caldo de peixe se o houver ou um decilitro de água. Polvilham-se com pão ralado e levam-se ao forno por meia hora. Tira-se então o caldo ao qual se junta duas gemas de ovos batidas e uma colher de manteiga. Com êste môlho cobrem-se os linguados.

Puré de batata com croquetes à portuguesa

Picam-se bem alguns bocados de carne, salsa, cebola e um pouco de pimenta. A' parte derrete-se uma colher de manteiga e uma pequena porção de farinha de trigo. Deita-se-lhe um pouco de leite e mexe-se bem até formar uma massa grossa. Nesta massa se deita a carne e o restante picado. Tendem-se os croquetes que se passam por ôvo e envolvem-se em pão ralado e fritam-se em banha e manteiga. Com êstes croquetes enfeita-se a travessa do puré.

Almondegas de carne

Picam-se bocados de carnes e toucinho. Temperam-se com queijo parmezão pimenta, noz moscada, salsa picada, sal e pão ralado. Liga-se com três ou quatro ovos; com esta massa fazem-se as bolas que se fregem em banha e manteiga. Deitam-se então numa caçarola, cobrem-se com caldo de carne e fervem por algum tempo. Deixa-se arrefecer, deita-se um pouco de limão e serve-se.

Salada de frutas

Cortam-se aos bocados maçãs, laranjas e bananas, cobrem-se com assúcar e deixam-se saturar bem no môlho produzido pelo assúcar e suco da fruta.

Madalenas

Amassa-se 250 gr. de farinha de trigo com uma colher de manteiga; junta-se-lhe um pouco de canela e vidrado de limão. Batem-se 5 ovos que se vão deitando na massa, mexendo sempre. Junta-se 250 de assúcar, amassa-se bem e deita-se em fôrmas de fôlha untadas com manteiga e polvilhadas de farinha e vão ao forno.

CONSULTÓRIO

Uma aveirense estudante—Vermelho é Medicina; amarelo, Matemática; verde, Liceus e verde e branco, Comércio.

Sempre que queira, continuo ao seu dispor. Nunca me incomoda, pois a minha vontade é agradar e ser útil a tôdas as aveirenses.

Segue para a morada que indicou o desenho para pasta de cabedal.

Crónica tripeira

Um monumento da cinematografia americana

Jámais poderei olvidar o filme *E tudo o vento levou* (Gone with the wind) verdadeira joia do cinema americano, que, com absoluto êxito; se está exibindo há duas semanas no *ecran* do Coliseu do Porto.

Todo o reclame que tem surgido à sua volta não tem sido exagerado. Simplesmente se tem dito a expressão da verdade.

Filme dum intenso materialismo, conseguiu vibrar na alma do nosso povo.

Baseado na guerra civil americana, oferece-nos quadros duma intensa dôr e tragédia, que sentimos e vivemos.

Os nossos olhos ávidos de sensações fortes, terão sempre bem patente as cênas de guerra com todos os seus horrores que o mesmo apresenta; os milhares de feridos amontoados nas ruas, longas filas de soldados a caminho da frente, cruzando-se com a multidão de fugitivos, aqui e além o rebentar das granadas, cavalos espantados pondo a população em perigo, carros de enormes dimensões a percorrerem longas ruas, cidades em chamas, etc.

Nunca nenhum filme nos deu, como êste, a visão mais assustadora do que poderia ser o inferno.

* * *

Para que o leitor faça uma ideia da grandiosidade dêste filme, cuja projecção leva três horas e cincoenta minutos, basta dizer-se que foram precisos três anos para o realizar.

O seu fabuloso custo foi de 3.975.000 dólares, ou sejam menos 125.000 do que Ben-Hur, o filme mais caro até hoje produzido em Hollywood.

A descriminação das despesas dá-nos cifras fabulosas:

Direitos de autor 50.000 dólares; música 99.922; ordenados de artistas e extras (88 papeis dialogados e 5.000 figurantes) 466.690; ordenados a técnicos e pessoal da produção 1.517.566; cenários (53 sets diferentes) 197.877; guarda-roupa (5.000 trajos) 153.818; despesas de projecção e *tests*, 11.376; trabalho de laboratório, 56.189; electricidade, 143.497; transporte, máquinas, etc. 94.017; trabalhos de investigação, 9.987; despesas fora do estúdio, 54.341; acessórios, 96.758; negativo, 109.974.

Uma perda nacional

16 de Novembro de 1943. Dia de luto nacional.

Não se extinguiu ainda a impressão dolorosa que nos causou a notícia da morte do sr. eng. Duarte Pacheco.

Numa cama do Hospital da Misericórdia de Setubal, exalou o último suspiro alguém que marcou um lugar inconfundível, uma posição de destaque dentro do Estado Novo.

A sua acção, como Ministro das Obras Públicas, foi verdadeiramente notável. A sua vaga dificilmente será preenchida.

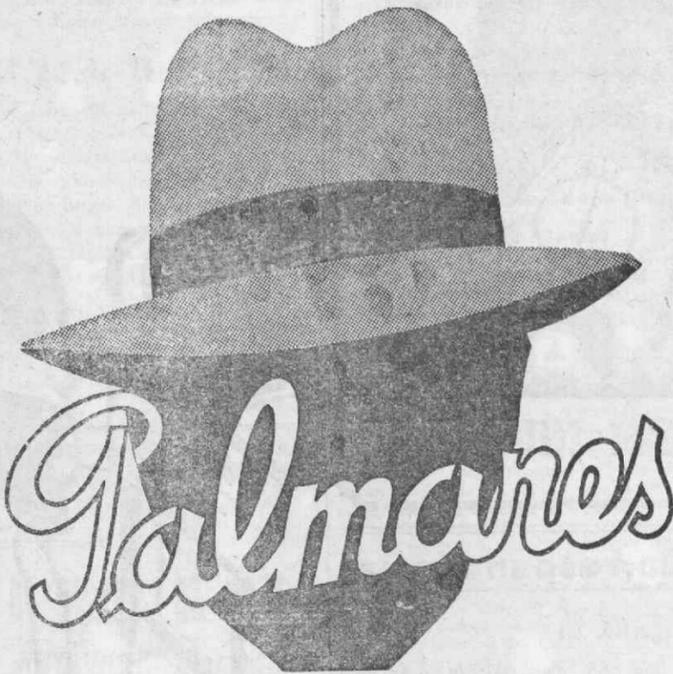
O seu nome não pode ser esquecido. Fica como padrão a atestar uma época de ressurgimento nacional, empreendida pelo govêrno de Salazar.

A nação fica-lhe devendo algumas obras gigantescas, como o Estádio Nacional, Emissora Nacional e muitas obras que não nos ocorrem neste momento à memória.

Foi êle o animador, o realizador, a alma da Exposição do Mundo Português, em plena guerra, e que causou a admiração de todos aquêles que a visitaram.

Ao escrevermos estas palavras, não podemos deixar de sentir uma certa tristeza. Dos nossos olhos desprendem-se duas pequenas lágrimas bem sentidas de saüdade e dôr.

Paz à sua alma.

ALEXANDRE CASIMIRO

O Democrata vende-se no *Estanco Flaviense*, Rua dos Mercadores.

Regimento de Infantaria 10

Anúncio

O Conselho Administrativo dêste Regimento, faz público que no dia 6 de Dezembro de 1943, pelas 14 horas, na sala das sessões do mesmo Conselho Administrativo, há-de proceder-se à arrematação em hasta pública dos estrumes produzidos pelos solípedes do regimento e adidos, durante o ano de 1944.

As propostas, feitas em papel selado da taxa em vigôr e segundo o modêlo do caderno de encargos, serão entregues na Secretaria do referido Conselho, em carta fechada e lacrada na ocasião da abertura da praça, acompanhadas da quantia de 100$00, como caução provisória.

O caderno de encargos está patente todos os dias úteis, das 14 às 17 horas, na citada Secretaria, onde se prestam todos os esclarecimentos.

Quartel em Aveiro, 20 de Novembro de 1943.

O Secretário

António da Maia Mendonça

Tenente

Câmara Municipal de Aveiro

Edital

Arrematação de lixos

Recebem-se propostas em carta fechada, até às 17 horas do dia 18 de Dezembro próximo, para a arrematação do aproveitamento dos lixos recolhidos na cidade durante um ano, nas condições do caderno de encargos patente na Secretaria da Câmara.

PRIMEIRO LOTE: Lixos recolhidos na área da cidade, com excepção dos que abrangem a outra arrematação nesta data também anunciada, depositados pelo pessoal da Câmara no vazadouro municipal:

Base de licitação 20.000$00 por ano

SEGUNDO LOTE: Lixos produzidos na estrada que desde a Malhada vai até às Pombas, recolhidos e removidos pelo arrematante.

Base de licitação 1.000$00 por ano

As propostam devem trazer exteriormente a indicação do lote a que se destinam.

Aveiro e Paços do Concelho, 22 de Novembro de 1943.

O Presidente da Câmara

Francisco Soares

NECROLOGIA

Com 63 anos finou-se, terça feira, o sr. Duarte Gil da Rocha, sargento-ajudante de cavalaria, reformado, e natural da próxima vila de Vagos.

Era comandante de lança da Legião Portuguesa e o seu cadáver foi, no dia seguinte, sepultado no cemitério sul da cidade, aonde o acompanharam alguns oficiais e sargentos da guarnição àlém de outras pessoas, sendo a chave da urna conduzida pelo sr. tenente António Pádua e Silva cunhado do extinto.

Deixou viuva e alguns filhos, nomeadamente a modista de chapeus sr.ª D. Cândida Rocha.

A tôda a família, as nossas condolências.

* * *

Na Gafanha da Nazaré deixou de existir, com 76 anos, a sr.ª D. Joana Emília Kress de Carvalho, viuva do sr. José Maria de Carvalho Branco.

Deixou alguns filhos, era sogra do sr. António Marques da Cunha e o seu cadáver veio para esta cidade, ficando depositado em jazigo de família no cemitério central.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

* * *

Por falecimento de seu pai, ocorrido a semana passada, no Pôrto, encontra-se de luto o nosso presado amigo sr. Alberto Gomes, da *Sociedade dos Vinhos Scalabis, L.da*, a quem igualmente manifestamos o nosso pesar.

* * *

Faleceram mais: nesta cidade, Anselmo Alves Casimiro, solteiro, de 65 anos; em *Vilar*, António da Conceição Rocha, de 18, filho de Manuel Joaquim da Rocha, e na *Quinta do Gato*, António dos Santos Preza, também solteiro, de 58.

Correspondências

Esgueira, 25

Com 68 anos faleceu o sr. José António da Silva, mais conhecido pelo *José Tanoeiro*.

Homem de raras virtudes e de bom coração, teve hoje um entêrro bastante concorrido.

Aos doridos, os nossos sentimentos.

—Já se encontra em Podentes (Penela) à frente do seu estabelecimento, o nosso amigo Dr. Emílio Rodrigues da Paula, que, como dissemos, foi operado em Coimbra.

—Realizou-se o casamento da simpática tricaninha Isaura Pedro, com o sr. Arnaldo Sena, empregado no I. N. do Trabalho.

Felicidades.

—As chuvas que cairam esta semana amaciaram o tempo e beneficiaram a agricultura.

Ainda bem.

C.

Oliveirinha, 25

Efectuou-se no domingo a chamada feira de ano, onde apareceram à venda muitos cevados que chegaram a atingir o preço de 250$00 a arroba.

O dia esteve magnífico o que muito concorreu para a afluência dos que costumam aqui vir efectuar transacções.

—Adoeceu com certa gravidade o sr. Elias Fernandes Vieira, que está sendo tratado pelo médico, sr. dr. Carlos Vidal.

C.